
AFINANDO O TOM: DIVERSIDADE MUSICAL NA BAHIA E O PAPEL DO ESTADO

CAROLINA MENEZES [carolrobr@gmail.com]

Recebido em 10/março/2014
Aprovado em 15/maio/2014
Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2006 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO publicou um estudo sobre o panorama da diversidade musical no mundo. Sua principal motivação foi a preocupação com o avanço da globalização e a forma como ela incentiva a homogeneização cultural (UNESCO, 2006). De acordo com esse relatório, a UNESCO define que um ambiente é favorável a diversidade musical quando nele existem (UNESCO, 2006): liberdade de expressão musical; diferentes grupos de indivíduos produzindo música, juntos ou separadamente; e diversidade de estruturas ou gêneros musicais.

Apesar da importância dos dois primeiros elementos, considera-se que a diversidade de estruturas ou gêneros musicais seja o elemento mais importante para a determinação de um ambiente favorável. A existência de tradições, gêneros ou estilos musicais diferentes em uma determinada região é o ponto que determina a existência de diversidade musical. Mas é claro que, em ambientes onde existam diferentes gêneros musicais, a liberdade de expressão musical e a coexistência entre estilos musicais de diferentes culturas, provavelmente serão encontradas.

A partir de um pequeno resgate da história musical da Bahia, é possível se comprovar que o requisito mais importante para a determinação da existência de diversidade musical – a existência de diferentes gêneros ou estruturas musicais – foi brilhantemente satisfeito pela profusão de artistas baianos que ajudaram a popularizar diversos gêneros Brasil afora. Prova disso foi que aqui foram criados alguns dos estilos musicais mais genuinamente brasileiros, depois do samba: a bossa nova, o samba-reggae e a Axé Music.

O estrondoso sucesso da Axé Music teve grandes consequências sobre o mercado de música da Bahia. Ela também ajudou a redefinir o formato de uma das maiores festas populares desse estado, o carnaval, que passou de manifestação puramente popular para um lucrativo festival de música onde suas principais estrelas brilham sobre os holofotes da imprensa e dos turistas nacionais e internacionais. Tanto que este bem-sucedido estilo musical acabou por se tornar uma das maiores referências da cultura baiana.

2 AMEAÇAS A DIVERSIDADE MUSICAL NA BAHIA

Os lucros auferidos pelo carnaval baiano incentivaram os empresários do setor de entretenimento musical a manter uma oferta constante do principal produto consumido durante os festejos de Momo: a Axé Music. Daí veio a inspiração para a criação de carnavais fora de época – as populares micaretas - e de outros festivais de menor porte, como os shows que movimentam os apreciadores

desse estilo durante o resto do ano, em todo o país. Acorados na certeza da existência de um público consumidor desse gênero musical já comprovada pelo sucesso do carnaval, esse empresariado acaba por enxergar um grande risco na possibilidade de investir em outros estilos musicais². As expectativas de público e, conseqüentemente, de retorno financeiro para os outros gêneros na Bahia são baixas, principalmente quando não envolvem grandes nomes da música nacional, vindos de outros estados.

Se por um lado o sucesso da Axé Music foi responsável por estabelecer um nível de profissionalização sem precedentes no campo musical baiano, por outro quase todo o desenvolvimento alcançado acabou tendo o seu acesso restrito aos artistas deste estilo musical. Logo, as oportunidades de trabalho mais atrativas para os profissionais dessa área são oferecidas pelas bandas de Axé. Projetos direcionados a outros estilos musicais ficam normalmente em segundo lugar, quando não são completamente extinguidos.

Por tudo isso se considera que o sucesso da Axé Music acabou por se configurar numa ameaça a diversidade musical baiana. Não se pode ignorar o fato de que, após o seu surgimento no final da década de 80, o conjunto de artistas baianos – cantores, cantoras, bandas e /ou grupos - que conseguiram chegar a um patamar considerável de sucesso no estado e no país está praticamente restrito a esse gênero musical. Mesmo quando se consideram apenas os artistas de pequeno e médio porte, as chances de seguir carreira como um músico profissional na Bahia são maiores quando se toca Axé.

Na falta de interesse dos setores privados, é comum que segmentos da sociedade se voltem para os órgãos públicos. Nas últimas décadas houve um redirecionamento do papel do Estado, influenciado pela doutrina neoliberal. A sua capacidade de agir como um órgão de regulação tem sido cada vez mais enfatizada. Mesmo assim, ainda espera-se que o poder público aja naquelas questões que não foram bem resolvidas nem pela ação das empresas privadas e nem por manifestações espontâneas da sociedade.

3 DIVERSIDADE MUSICAL E O PAPEL DO ESTADO NA BAHIA

Diante da ameaça a diversidade musical representada pelo sucesso da Axé Music, surgiu o questionamento sobre qual tem sido o papel dos governos estaduais baianos neste contexto. Esta curiosidade foi motivada principalmente pela percepção de algumas deficiências apresentadas pelos programas e projetos dos órgãos estaduais responsáveis pela promoção e proteção da cultura no estado da Bahia e a falta de uma resposta adequada aos desafios impostos pelas peculiaridades do mercado baiano de música.

Por exemplo, percebeu-se que o investimento governamental estava concentrado em ações com reduzido efeito multiplicador. Por mais que o governo invista nos gêneros comumente chamados na Bahia de alternativos – MPB, rock, música erudita e outros - o setor privado ainda investe mais e melhor nos estilos populares que formam o mainstream da música baiana – Axé Music, pagode e o forró. Evidências dessa afirmativa podem ser encontradas quando se observa o número de grandes eventos envolvendo estes últimos que acontecem em todo o estado, promovidos por empresas e patrocinadores privados. Isso já serve como um bom indicador. Alguns deles reúnem 10 ou mais bandas de pequeno e médio porte, de um único estilo musical, numa única noite, em locais que comportam

²A cantora de rock Pitty é um dos raros exemplos de exceção a esta regra.

grandes multidões, como o Parque de Exposições e o Wet'n Wild, ambos localizados na Av. Paralela em Salvador. A título de esclarecimento, só o Wet'n Wild conta com uma área de shows com capacidade para 20.000 pessoas. A campanha de divulgação desses eventos envolve rádio, televisão, Internet e até outdoors espalhados em vários pontos da cidade e isso ajuda a promoção e divulgação desses artistas.

O marketing cultural, quando bem servido de recursos financeiros, geralmente ambiciona uma grande repercussão na mídia para a marca que patrocina um evento. Daí vem a origem da palavra “espetacularização”; a manifestação artística passa a ser apresentada revestida de uma grande carga de “efeitos especiais” com o objetivo de se tornar memorável. Não há nada de errado em utilizar os recursos que se tem à mão para tentar trazer cada vez mais e mais pessoas a esses eventos. O problema é que a maior parte desse público provavelmente só voltará a consumir outros eventos que tenham pelo menos a mesma parafernália promocional. Dessa maneira, estabelece-se um nível mínimo de gastos para que se consiga uma parcela máxima de público. É uma equação que quando recorrentemente aplicada, pode acabar “deseducando” os consumidores esporádicos. Transformar um consumidor eventual de cultura em um frequentador assíduo requer estratégias que foquem no longo prazo e que se preocupem com a educação artística do público.

Por outro lado, os eventos e ações envolvendo os outros estilos musicais geralmente ocorrem em espaços menores. Dessa maneira a promoção e o número de pessoas atingidas por ela é bem menor do que nos shows que envolvem os gêneros do mainstream, pois, supõe-se que o público para esses eventos seria menor. Seu acesso fica por vezes restrito a um pequeno grupo de potenciais fruidores daquele gênero musical. Fica, portanto, a dúvida sobre se as estimativas de público para os outros gêneros, utilizadas tanto pelo governo quanto pela iniciativa privada realmente refletem a realidade sobre as verdadeiras preferências musicais dos baianos.

Da mesma forma, as estratégias de promoção, distribuição e comercialização são igualmente importantes para o escoamento da produção desses artistas. Apesar de existir a demanda de recursos públicos para a gravação e prensagem de CDs, percebeu-se que esses quesitos não recebiam a devida importância, relegando ao segundo plano algumas das mais importantes demandas para se elevar ao sucesso um artista de talento. Esses pontos são tão vitais que, hoje em dia, entre todas as atividades pertinentes à cadeia de produção dentro do mercado fonográfico, a promoção, a distribuição e a comercialização são os que as grandes gravadoras ainda fazem questão de manter total controle. As outras atividades são consideradas passíveis de terceirização. Logo, conclui-se que as iniciativas promovidas pelo Estado são desconectadas entre si, denunciando a ausência de uma visão sistêmica.

Os dispositivos de acompanhamento criados por algumas dessas políticas parecem se resumir a um mero controle contábil centrado na prestação de contas. Nos relatórios sobre as atividades governamentais na área de cultura é raro encontrar resultados e/ou menções a mecanismos de controle do impacto sociocultural das mesmas. Por vezes, são citados números relacionados ao público alcançado e a eventos promovidos. Notou-se que em alguns casos os objetivos eram citados, porém, desacompanhados de indicadores que certificassem o alcance dos mesmos. Principalmente naqueles programas que lidam com o financiamento a projetos propostos por membros da sociedade civil, como o Fazcultura.

Também foi observada a ausência de atividades direcionadas a formação de músicos. Segundo a UNESCO (2006), a educação tem papel fundamental na proteção e promoção das expressões culturais. Na falta dela, as referências musicais sofrem grande influência do que é imposto pela mídia e pelo mercado. Hoje já é possível dizer que existe na Bahia toda uma geração inspirada nas bandas de Axé Music e no pagode baiano. O resultado disso é uma legião de jovens que começam a se interessar pela música através desses gêneros. Uma consequência negativa desse fenômeno é que, de acordo com Nascimento (2004), a Axé Music e o pagode baiano são estilos de música que não exigem um grande número de habilidades nem um alto nível de criatividade quando comparadas a outros estilos, como o jazz por exemplo. Dessa maneira, eles se tornam fáceis de tocar. Junte-se a isso o fato de que as bandas de Axé e pagode conseguem oferecer uma remuneração consideravelmente atraente e tem-se a explicação para o grande número de bandas do mainstream no mercado atual. Cada nova banda a fazer sucesso tem o papel de retroalimentar esse sistema e manter o ciclo. Logo, o conhecimento e o interesse por outros estilos musicais não promovidos por esse sistema são prejudicados.

A riqueza e a diversidade de um ambiente cultural são consequências dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimento. Por sua vez, esses processos contribuem para a ampliação da diversidade de gostos, a sensibilidade artística e o aumento do conhecimento amador da maioria das pessoas que participam desse universo. É também a partir desses processos que as práticas amadoras se ampliam, oferecendo chances para que novas carreiras profissionais apareçam e se consolidem em diversas áreas culturais. Não se pode esquecer que o intercâmbio com outros gêneros é de uma importância primordial para a renovação e sobrevivência de um estilo musical.

Acredita-se também numa falta de informações generalizada na classe artística emergente sobre o funcionamento da política governamental para a área de cultura, o que pode apontar um problema na divulgação da existência desses programas. Uma das reclamações recorrentes no meio musical soteropolitano é o da falta de informações.

Junte-se a isso a ideia pré-estabelecida e amplamente difundida de que os vencedores dos editais públicos lançados já estão definidos antes da sua abertura e tem-se aí a explicação para o fato de que boa parte desses músicos nem sequer tenta participar desses programas. Os que já tentaram e os que inclusive conseguiram que seus projetos fossem aprovados nos editais públicos, geralmente reclamam do excesso de burocracia antes, durante e depois do processo e alguns são desmotivados a tentar de novo. A falta de conhecimento técnico para a elaboração dos projetos e o medo de que eles sejam plagiados por pessoas de dentro da máquina pública também são vistos como fatores desmotivadores.

A ideia de que os vencedores já são escolhidos no início do processo seletivo não é de todo absurda como possa parecer. É verdade que já existem profissionais especializados na elaboração de projetos culturais que requerem o patrocínio do governo. Estes conseguem uma frequência considerável de aprovações em diferentes editais por já conhecerem à fundo os critérios da seleção e por terem uma maior experiência de atuação na área. A contratação de um profissional como esse não é possível a muitos artistas, pois não possuem os recursos financeiros para tanto. Aqueles que os têm, geralmente, são os do mainstream. Também há a famosa “política de balcão”, ou seja,

alguns artistas se valem da sua rede de contatos para conseguirem ter suas demandas atendidas.

Em diversos editais públicos e relatórios sobre as atividades do Estado nessa área não há uma catalogação por gênero musical. A partir daí, pode-se concluir que a diversidade de estilos apoiados não parece ser uma questão que gere preocupação, pois nem sequer é devidamente registrada. Ou seja, os indicadores mais importantes para a variável diversidade – quantos e quais gêneros musicais foram apoiados – não são mensurados. Esse fato acaba por denunciar a falta de interesse dos responsáveis por essas políticas com a questão da diversidade musical. Na situação atual do mercado de música da Bahia, acredita-se que medidas como essa devam ter sua importância, pois auxiliariam na avaliação das políticas existentes e na elaboração de novas políticas mais sensíveis a questão da diversidade musical.

Por último, mas não menos importante, raros são os projetos e atividades do governo estadual que abordam a criação de cotas para os estilos musicais. A UNESCO (2006) considera esta uma das medidas mais comuns na defesa da diversidade. Existem ainda aqueles que acreditam que a situação na Bahia requer atitudes que ataquem o problema da proteção e promoção a diversidade musical de forma mais direta, instituindo-se cotas não somente nas rádios, mas também no tocante a todo tipo de auxílio governamental à música. Mais uma vez, a preocupação principal é impedir que as ações do governo se concentrem em grupos privilegiados. Porém, é preciso salientar os obstáculos para implantação de tais medidas diante da diversidade de estilos musicais existentes. A variedade de gêneros existentes no universo musical da diversidade cultural brasileira já dá a tônica das dificuldades a serem enfrentadas caso se adote este direcionamento. Talvez o caso da Bahia requeira ações no sentido de limitar o espaço do gênero musical dominante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As peculiaridades do caso baiano parecem não ter sido objeto de intenso debate quando da formulação dessas políticas. Na literatura consultada a respeito do tema diversidade musical, a maioria dos casos encontrados aborda a ameaça representada pelo avanço da indústria pop internacional e os perigos da homogeneização. Não é tarefa fácil encontrar relatos nos quais um gênero local assumisse o papel de algoz da diversidade dentro de uma determinada localidade. A partir de sua análise em âmbito mundial, a própria UNESCO (2006) admite não ter encontrado casos que pudessem ser caracterizados como monoculturas musicais. Porém, a mesma não descarta por completo a possibilidade desses fenômenos existirem, a partir do momento em que admite que sua análise se restringiu ao ambiente de concorrência dos gêneros musicais entre países.

O Brasil é signatário da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002) e da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais. Espera-se, portanto, que as diretrizes relacionadas nesses dois importantes documentos sejam finalmente objeto de profundo debate público. E que este debate acabe por refletir em ações concretas que levem em consideração tanto as peculiaridades locais quanto a importância que a diversidade de práticas culturais tem para um povo.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Joatan. **A “axé music”, a música instrumental, e os músicos da Bahia.** Revista da Bahia, v. 32, 2004, n. 39, nov. 2004, p.122-128.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural.** 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>> . Acesso em 06 mai 2008.

_____. **The protection and promotion of musical diversity.** 2006. Disponível em: http://www.unesco.org/imc/programmes/imc_diversity_report.pdf . Acesso em 12 dez. 2007.